



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

LÍVIA MAGALHÃES DE OLIVEIRA

**O CUIDADO DE SI E A FILOSOFIA ANTIGA EM FOUCAULT: UM
OLHAR PARA A EDUCAÇÃO**

CAMPINAS – 2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LÍVIA MAGALHÃES DE OLIVEIRA

**O CUIDADO DE SI E A FILOSOFIA ANTIGA EM FOUCAULT: UM
OLHAR PARA A EDUCAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como exigência para a conclusão da graduação em Pedagogia, sob a orientação do professor Doutor Sílvio Donizetti de Oliveira Gallo.

CAMPINAS – 2012

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

OL4c

Oliveira, Livia Magalhães de, 1989-

O cuidado de si e a filosofia antiga em Foucault: um olhar para a educação / Livia Magalhães Oliveira / Livia Magalhães Oliveira. – Campinas, SP: [s.n.], 2012.

Orientador: Sílvio Donizetti de Oliveira Gallo.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Filosofia antiga. 2. Cuidado de si. 3. Educação 4.
Ética. I. Gallo, Sílvio, 1963- II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

12-258-BFE

*Dedico este trabalho a todos que
o lerem e, a partir dele,
aprenderem a olhar mais para
dentro de si mesmos.*

Agradecimentos

A Deus e a Jesus que me cobrem de amor e me impulsionam à vida.

Agradeço à minha mãe Jacqueline, às minhas irmãs Evelyn e Suelyn, ao meu irmão Gabriel, ao meu pai Paulo e a toda a minha família pelo incentivo e apoio incontáveis.

Ao meu companheiro inseparável Josué e a todos os meus amigos e familiares encarnados e desencarnados por estarem sempre ao meu lado.

Agradeço ao professor Sílvio Gallo que me encaminhou a filosofia e me ajudou imensamente durante esses anos de graduação. Agradeço também a Maria Emanuela Esteves dos Santos, a segunda leitora do meu trabalho que me ajudou bastante a corrigi-lo e repensá-lo.

Aos companheiros do Centro Espírita Allan Kardec que sempre me incentivaram aos estudos e me auxiliaram nos momentos difíceis.

Enfim, agradeço a todos que estiveram comigo durante esses quatro anos de estudos e certamente aos anos que ainda virão.

“A partir da ideia que o indivíduo não nos é dado, acho que há apenas uma consequência prática: temos que criar a nós mesmos como uma obra de arte”.

Michel Foucault

RESUMO

A filosofia desde seu nascimento recusa os saberes preestabelecidos, saberes não submetidos à análise e à crítica, saberes sem questionamentos. No âmbito da educação ela nos propõe a agir da mesma maneira: interrogar tudo que parece sólido, inquietar nossos pensamentos e desconfiar das conclusões e certezas do universo educacional. Com base nesse olhar que amplia a concepção da educação, tomamos Michel Foucault como referencial teórico de modo a demonstrar que, embora não tenha tratado esse tema como fundamental em seus estudos, os conhecimentos por ele veiculados nos levam a repensar questões educacionais essenciais. Por meio de leituras analíticas, fichamentos e indagações de sua principal obra aqui estudada, *A Hermenêutica do Sujeito*, além de textos da Antiguidade Clássica por ele mesmo examinados, pretende-se compreender a noção do cuidado de si trazida pelo autor e com ela alcançar novas possibilidades e reflexões na área da educação, de forma a perceber que esta vai além de produções e construções externas e independentes do indivíduo; ao contrário, pode ser erguida e consolidada pelo ser e para o ser tendo como propósito principal que cada um seja capaz de educar-se a si mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia Antiga – Cuidado de si — Educação – Ética

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
PRIMEIRO CAPÍTULO – O cuidado de si socrático-platônico e a educação	
1. Introdução	12
1.1 Por dentro de <i>Alcibíades</i>	13
1.2 O cuidado de si socrático-platônico.....	17
1.3 Sócrates e a educação.....	21
1.3.1 A ação do professor no cuidado de si socrático-platônico	26
SEGUNDO CAPÍTULO – O cuidado de si helenístico-romano e a educação	
2. Introdução	31
2.1 O cuidado de si e conversão a si	31
2.2 A escola epicurista e o texto <i>Peri parrhesías</i> de Filodemo.....	34
2.3 Conhecimento de si e do mundo nos estóicos	36
2.4 Conhecimento fisiológico em Epicuro.....	40
2.5 Exercícios, práticas, ascetes	42
2.5.1 Exercícios de escuta	43
2.5.2 Práticas da boa leitura e meditação	45
2.5.3 Exame de consciência e a vida como prova	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

INTRODUÇÃO

Desde a conhecida expressão “conhece-te a ti mesmo” propagada por Sócrates na antiguidade clássica, o homem vem tentando decifrar seu sentido filosófico e seu significado para o sujeito de ontem e de hoje. O que seria o conhecimento de si mesmo? Quem seria realmente esse eu a que devo conhecer?

Michel Foucault, professor e filósofo francês nascido no final da década de 20, em seus últimos estudos se ateuve à filosofia antiga e passou a explorar o período clássico, afirmando que muito antes dessa importância dada ao conhecimento de si mesmo, estabeleceu-se um princípio bem mais difundido e necessário ao longo de quase toda a cultura grega, helenística e romana, e este se denominava “cuidado de si” (*epiméleia heautoû*).

Segundo o autor, com a noção de *epiméleia heautoû* temos toda uma reunião de informações definindo um modo de ser, uma postura, formas de reflexão, práticas que se tornaram uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações ou das teorias, mas na própria história da subjetividade. Entendido resumidamente como um ocupar-se consigo mesmo, preocupar-se consigo, esse princípio nos remete ao pensar, estar atento ao que se pensa e ao que se passa em nosso pensamento. É uma atitude com relação a si, para com os outros e para com o mundo.

Buscando entender mais detidamente essa noção estudada por Foucault, principalmente em seu curso *A Hermenêutica do Sujeito*, este estudo se propõe a compreendê-lo e analisá-lo, e com ele refletir sobre questões educacionais essenciais. O trabalho aqui desenvolvido pretende trazer essa noção em sua base filosófica e relacioná-la à educação na tentativa de repensá-la, reinventá-la em alguns dos seus significados, práticas, conceitos, mediações.

Acreditando no amplo leque de possibilidades que o cuidado de si pode trazer para a educação, sua apreensão pode ser um caminho para uma reconstituição do sujeito de forma a estimular sua criticidade e autonomia. Para

tal é necessário esse encontro do ser com ele mesmo. É preciso construir-se como sujeito para que no olhar que se tenha de si mesmo seja capaz de entender seu lugar no mundo e principalmente sua importância nele. Um olhar para si mesmo que lhe faça compreender de que modo é possível modificar sua relação para consigo, para com os outros e para com o mundo. É, portanto, por meio desse cuidado em constante contato com a educação que pode ser possível a reconstituição de si, da subjetividade hoje talvez preterida.

O resgate da cultura antiga vem ao encontro do pensamento de Foucault de forma a desconstruir a fala moderna que afirma o sujeito como já dado, formulado. Para Foucault o sujeito se constrói a todo instante por meio de suas relações com o mundo e com outros sujeitos. Dessa forma, se faz necessário estimular reflexões, movimentações em torno da importância da subjetividade, sobre o que hoje realizamos de nós mesmos e o que hoje os profissionais da educação almejam de si e daqueles a quem seu trabalho é destinado: os educandos.

O autor então nos propõe em seu curso uma reestruturação dos modos de subjetivação da atualidade. E nessa intersecção com a educação, que engloba ensinar e aprender numa relação de alteridade entre o educando e o educador, na qual compete a ambos uma comunicação de variados aspectos com a sua cultura, vivências e experiências, há a possibilidade da transformação de si, da construção do sujeito por ele mesmo. É com esse intuito que venho continuar um trabalho desenvolvido inicialmente como projeto de Iniciação Científica¹. Desejando demonstrar, com o auxílio de Foucault, que nos dias de hoje fala-se pouco numa constituição de si tão indispensável para que o sujeito se constitua como sujeito, responsável e consciente de suas ações na/para a sociedade.

¹ Projeto de Iniciação Científica intitulado Leituras em torno do “cuidado de si”: Foucault e a filosofia antiga, sob a orientação do professor Doutor Sílvio Donizetti de Oliveira Gallo. Com duração de dois anos a pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ e trouxe estudos referentes ao conceito de cuidado de si apresentado por Michel Foucault em seu curso *A Hermenêutica do Sujeito* em constante relação com a educação.

Em sua produção filosófica aqui estudada Foucault introduziu uma forma de pensar que nos leva a indagarmos a nós mesmos e a nossa relação com a verdade. Deslocando seu pensamento para a educação, ele nos convida justamente a romper com as verdades prontas e acabadas no interior das instituições escolares, para que passemos a rever e reavaliar nosso entendimento sobre o ensino e a aprendizagem. Amparada em especial no citado curso de Foucault que reúne as aulas ministradas por ele no *Collège de France* em 1982, a presente pesquisa tem como objetivo principal compreender e ampliar o conceito de cuidado de si estudado pelo autor e por meio deste encontrar novos pensares, novas formas de olhar para a educação de modo que ela seja vista como um processo de liberdade, de livre expressão, de escolha, de encanto.

Embora o autor não tenha tratado o tema educacional como fundamental em seus estudos podemos com ele (re)pensar a educação, de forma a perceber que ela vai além de produções e construções externas e independentes do indivíduo. Foucault nos auxilia a enxergar uma educação autônoma, na qual os educadores têm um papel essencial de construtores de si mesmos e mediadores na construção do outro por ele mesmo. Cabe ao mestre cuidar do cuidado que seu discípulo tem de si mesmo, ensinamento este apresentado por Sócrates no texto de Platão *Alcibíades* e que dá início ao conceito de cuidado de si como modo de subjetivação do ser, como modo de edificação do indivíduo por ele mesmo.

A pesquisa aqui desenvolvida é essencialmente bibliográfica. Por meio de leituras analíticas e crítica das obras de Michel Foucault, principalmente do curso *A Hermenêutica do Sujeito*, mas também de textos de seus comentadores, além de produções da Antiguidade Clássica por ele mesmo examinadas, buscarei como já anteriormente discorrido compreender o conceito de cuidado de si trabalhado pelo autor no interior da filosofia antiga e a partir dele pensar novas possibilidades e reflexões na área da educação. Pois, nas palavras de Foucault, o cuidado de si "é um imperativo que circula entre muitas doutrinas diferentes; tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em

procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas [...]" (Foucault 1985, p. 50). Portanto, é possível compreender um cuidado de si que em determinadas épocas obteve diferentes contornos, diferentes sentidos, não uma única verdade, mas variações, ressignificações de um mesmo conceito. Podemos, a partir dele, lançar novos olhares, novas representações, novas explicações para o mundo, para a educação e principalmente para o sujeito.

PRIMEIRO CAPÍTULO

O CUIDADO DE SI SOCRÁTICO-PLATÔNICO E A EDUCAÇÃO

1. Introdução

Como mencionado, Michel Foucault nos traz em seu curso o conceito de cuidado de si. Realizando leituras em torno dessa noção o autor passa por três épocas da humanidade resgatando sua história, sua transformação e exemplificando seu significado e importância em cada um dos momentos citados. De início ele transcorre pelo período socrático-platônico, desvendando com Sócrates seu primeiro sentido filosófico, em seguida analisa o período helenístico-romano caracterizado por Foucault como a era de ouro do cuidado de si e por fim, o período cristão o qual deixaremos de lado no estudo aqui desenvolvido.

Começamos descrevendo o período socrático-platônico. No entanto, antes de entrar nesse período é necessário explicar que o princípio que diz que é preciso “ocupar-se consigo mesmo” não nasce nesse momento (ou com Sócrates). Segundo Foucault, era uma antiga sentença comum na cultura grega, que traz em suas raízes fortes ligações com privilégios políticos, econômicos e sociais. Podemos exemplificar dizendo que em tempos anteriores a Sócrates muitos aristocratas espartanos, por possuírem privilégios políticos, passavam a cuidar de si delegando o cuidado de suas terras aos menos privilegiados hilotas², simplesmente porque assim os era concedido. Compreendemos com isso, que “ocupar-se consigo mesmo” não é originalmente um princípio filosófico e sim um princípio já bastante trivial.

² Os hilotas eram servos que pertenciam ao estado espartano. Trabalhavam nos lotes de terra e eram extremamente explorados já que entregavam metade de suas colheitas ao governo e eram obrigados a permanecer na mesma terra durante toda vida.

Entendido isso, passamos a explicar a importância desse cuidado de si que com Sócrates se torna uma noção mais ampla e filosófica, isso porque o filósofo a leva por onde passa e a direciona para quem por ela se interessar. Ele se mostra como aquele destinado a cuidar do cuidado que cada um tem de si mesmo, e volta seu conhecimento a todos os seus concidadãos atenienses. Sócrates se preocupava em despertar seus ouvintes, passava a vida tentando esclarecer as pessoas para que cuidassem mais de sua alma.

Para entender o cuidado de si nessa época e o papel que Sócrates exercia recorreremos à segunda parte do texto de Platão intitulado *Alcibíades*, o qual Foucault destaca em seu curso. Nele sucede um diálogo entre Sócrates e Alcibíades, um jovem belo e filho de uma das famílias mais tradicionais e privilegiadas de Atenas.

1.1 Por dentro de *Alcibíades*

Alcibíades sempre foi muito assediado por inúmeros homens³, no entanto tirando proveito de sua riqueza, de sua tradicional família e beleza não importava-se verdadeiramente com nenhum deles e sempre os dispensavam. Mas envelheceu, e agora quer voltar-se para o povo, quer governar a cidade. Sócrates, percebendo essa mudança de pensamento, compreende que é o melhor momento para conversar com Alcibíades e mostrar-lhe a importância do cuidado consigo mesmo, antes de qualquer atividade como a de governar uma nação. Para o filósofo o governo da cidade de Atenas só poderá se efetivar com seu auxílio. Desse modo, passa a explicitar o motivo da necessidade de sua ajuda por meio de perguntas que colocam em dúvida as habilidades e conhecimentos que Alcibíades julga possuir.

Os dois conversam sobre o justo e o injusto: Alcibíades não sabe com quem aprendeu a distinguir esses dois elementos. Sócrates o faz perceber que

³ Era comum na Grécia Antiga o amor entre rapazes. A relação homossexual era aceita pela sociedade ateniense e se dava no relacionamento amoroso de um homem mais velho por um jovem (que deveria ter mais de 12 e menos de 18 anos). Esse relacionamento denominava-se *paiderastia* (amor a meninos), tinha essencialmente uma função pedagógica e o intuito de transmitir conhecimentos de homens mais experientes aos jovens.

para saber o que são, houve um momento que se teve consciência de sua ignorância. Mas diz Alcibíades que não se lembra, cita que pode ter sido o povo a ensinar-lhe sobre essa distinção. No entanto, Sócrates afirma que o povo é “fraco mestre”, tem o conhecimento apenas das coisas superficiais e mais simples e demonstra isso por meio de seu raciocínio e de questões direcionadas a Alcibíades.

Se Alcibíades pretende governar a cidade, diz Sócrates, então ele precisa ter uma habilidade, um saber que o faça distinguir-se dos demais, que o faça superior aos seus rivais. Precisa ser bom em algo que seja capaz de lhe fornecer o saber necessário para bem governar sua nação. No entanto, Sócrates demonstra que Alcibíades não sabe nem ao certo no que realmente é bom. Este afirma ter conhecimento sobre o que é útil aos homens, mas Sócrates o desafia e demonstra-lhe que não sabe. Prova que o justo é sempre útil ao contrário do que ele pensa. E novamente leva Alcibíades a perceber sua ignorância. Só que dessa vez, Sócrates enfatiza ao seu ouvinte que pior que aquele que ignora algo é aquele que não sabe que ignora, ou seja, Alcibíades ignora sua própria ignorância. Ele não sabe o que é justo, bom, honesto e útil, coisas essas extremamente importantes, julgando ainda que as conhece. Quer governar Atenas, mas nem ao menos sabe o que é governar.

E como Alcibíades deve agir? Deve ele instruir-se sobre o que é governar? Deve pedir ajuda a quem sabe bem governar? O que Sócrates o aconselha então? O que vemos no diálogo é que Sócrates o convida a “tomar cuidado de si” (surgimento do preceito em questão). Mas Alcibíades diz preferir continuar na ignorância, já que aqueles que governam em sua maioria também o são. Sendo assim, ele não precisaria esforçar-se, o que sabe seria o suficiente para vencê-los.

Sócrates fica desolado ao ouvir isso de Alcibíades, e o alerta que não serão apenas esses governantes de Atenas que irá combater. Se passar a governar a cidade terá inimigos bem mais preparados e espertos do que ele e Atenas, como os espartanos e os persas. Alcibíades afirma que eles são tão ignorantes como os outros. Sócrates prova o contrário. A princípio, no que se refere à educação seus adversários estão na frente de Atenas: Esparta

considera e garante as boas maneiras e a grandeza de alma; proporciona a coragem e a resistência aos jovens por meio do amor aos exercícios e vitórias. Já a educação do jovem príncipe persa é considerada desde a mais tenra idade quando é cercado por quatro professores: um da sabedoria, um de justiça, outro é mestre da temperança e o último da coragem.

Além da educação os atenienses perdem para seus inimigos, pois também são inferiores em relação à riqueza que possuem, principalmente em comparação aos Persas. Numa guerra Atenas não teria chance de vitória.

Sócrates afirma que para bem governar a cidade Alcibíades necessitaria antes de tudo trabalhar, meditar, exercitar-se para ser capaz de guerrear com eles. Pede a Alcibíades que ouça seu conselho: “conhece-te a ti mesmo”.

Sócrates fez Alcibíades perceber que nunca possuiu conhecimentos sobre como governar bem a cidade, ele percebe-se na ignorância ante assuntos simples, referentes à direção de um povo. Ele então se aflige e se desespera. Mas, Sócrates o conforta, dizendo que ele ainda está na idade de perceber sua ignorância, ainda está em tempo de cuidar de si mesmo. Se tivesse “caído em si” aos 50 anos de idade, aí sim seria bem mais difícil reverter o quadro de ignorância em que se descobriu agora e passar a ter cuidados consigo mesmo.

O contexto em que a fórmula "ocupar-se consigo mesmo" surgiu no texto de Platão está totalmente ligado à questão política e social: o mundo dos jovens aristocratas, que, por seu status, estão destinados a exercer um determinado poder sobre sua cidade e concidadãos. O problema que é identificado no texto e que Foucault constata é: saber se o poder que é assim conferido a esses jovens também os dota de capacidade, de habilidades para bem governar a cidade. Há, pois, como dito antes, a necessidade de ocupar-se consigo mesmo na medida em que se há de governar os outros. O cuidado de si está vinculado ao governo de si mesmo para assim alcançar o governo dos outros. Somente se administrará bem um povo se se for capaz de ocupar-se consigo mesmo. Este é o primeiro elemento do contexto em que o imperativo do cuidado de si surge.

O segundo elemento está em extrema relação com o primeiro, mas mais especificamente refere-se ao problema da pedagogia. Trata-se da crítica às duas formas da pedagogia: a prática educativa em Atenas, tomada como em grande desvantagem com a existente em Esparta e na Pérsia; e a maneira como se desenvolve o amor entre homens e rapazes. Os homens adultos seduzem os jovens enquanto ainda são belos, mas os abandonam na idade crítica, quando já não são mais crianças e, portanto se desvencilham da direção e das lições dos mestres de escola e por isso precisariam de um guia para se formar no exercício da política. Faz-se necessário ocupar-se consigo devido a essa dupla falha pedagógica: escolar e amorosa. É importante que Alcibíades cuide de si mesmo, pois não teve uma boa educação, ou seja, ele é incapaz de governar, pois teve uma instrução insuficiente. O cuidado de si aparece também como um complemento à pedagogia.

Um terceiro elemento do contexto no qual surge o imperativo "ocupa-te contigo mesmo" refere-se à ignorância. Ignorância das coisas que deveria saber e ignorância de si mesmo, enquanto sequer se sabe que se as ignora. "Ignorância que se ignora". Essas três questões abordadas nos remetem ao panorama bem conhecido dos diálogos socráticos.

Foucault nota, ainda no texto de Platão, algo de singular no aparecimento do imperativo "cuidar de si mesmo". Quando Sócrates faz interrogações a Alcibíades até ele perceber sua ignorância sobre o que é bem governar, logo se desespera. No entanto, Sócrates o consola, dizendo que ainda está em tempo de cuidar de si mesmo. Só que o que se esperaria ouvir seria que ele ainda está em tempo de aprender a governar bem a cidade, aprender técnicas, aprender a persuadir seus concidadãos, etc. Mas não é isso que Sócrates diz. Foucault (2006) afirma que é nessa desigualdade e proximidade entre o aprender, que seria a consequência esperada, e o ocupa-te contigo; entre a pedagogia entendida como aprendizagem e como uma outra forma de cultura que vão anteciper-se certos problemas que tangenciam todo o jogo entre a filosofia e a espiritualidade no mundo antigo.

A princípio é importante esclarecer que, para Foucault, espiritualidade não se relaciona com a visão religiosa hoje a ela arraigada. Segundo o autor,

espiritualidade é basicamente “o conjunto de buscas, práticas e experiências que constituem para o ser mesmo do sujeito o sacrifício a ser feito para ter acesso à verdade” (Foucault, 2006, p.19). Portanto, cuidar de si mesmo é uma forma mais geral de espiritualidade de modo que, procura, por meio de determinadas ações exercidas de si para consigo, transformar, modificar, purificar o sujeito.

Para o autor, a primeira grande emergência teórica da *epiméleia heautoû* é o que é "si mesmo", o que é "ocupar-se"? Interrogação acerca do eu e do que é ocupar-se consigo mesmo.

Em Alcibíades, Sócrates faz um alerta: antes de ocupar-se consigo mesmo é necessário se conhecer, saber o que é ocupar-se de si para que assim tendo consciência e esclarecimento sobre esse princípio não se cometa erros. Desse modo, o texto de Platão em suas duas partes nos traz duas questões já mencionadas: qual é o “eu” de que devo me ocupar? O cuidado que devo ter de mim mesmo em que ele deve consistir? Espera-se que nas respostas a essas duas questões esteja contida uma definição que seja capaz de dar conta de retratar o saber necessário para bem governar os outros. No próximo tópico tentaremos abordá-las.

1.2 O cuidado de si socrático-platônico

Primeira questão: o que é o eu? Quando Sócrates refere-se ao oráculo de Delfos pela segunda vez, para falar a Alcibíades que ele deve conhecer-se a si mesmo, o filósofo grego pretende com isso auxiliar Alcibíades a descobrir, a compreender que eu é esse de que ele deve cuidar. A resposta encontrada é a alma, é preciso ocupar-se com a própria alma. E como se chega a essa resposta?

A análise que Foucault faz para chegar a essa resposta depende de todo um movimento que se inicia por um conjunto de questões. Seguindo o raciocínio de Sócrates, Foucault nos dá vários exemplos que nos permitem compreender a distinção entre a ação praticada pelo sujeito e o sujeito em si mesmo. Um exemplo simples refere-se à arte da sapataria. Nessa arte existem

instrumentos como o cutelo e há aquele que se serve desses instrumentos, no caso o sapateiro. É assim que observamos que quando o corpo faz algo, há um elemento inteligente que se serve do corpo. Qual seria ele? O corpo por ele mesmo? Não, não pode ser o corpo, pois ele não é capaz de servir-se de si mesmo, a resposta cabível só pode ser a alma, ela enquanto sujeito de ação sejam corporais, instrumentais ou de linguagem é o único elemento com essa capacidade. Sendo assim, podemos dizer que essa relação consigo mesmo enfatizada por Sócrates acarreta não uma relação instrumental da alma com todo resto, mas a posição singular do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos que se relaciona, ao seu próprio corpo e até a ele mesmo. Portanto, o eu a que devemos nos ocupar é a alma enquanto sujeito de ação. Para Foucault a alma deve ser vista como sujeito e jamais como substância, é nisso que segundo ele finaliza o desenvolvimento do texto de Platão sobre a principal questão aqui então tratada e que sempre é importante repetir: "o que é si mesmo, que sentido se deve dar a si mesmo quando se diz que é preciso ocupar-se consigo?".

Podemos dizer também que Foucault nos alerta em seu curso sobre três atividades que costumam ser confundidas por cuidado de si no sentido em que aqui tratamos, são elas:

- O médico. Quando o médico se examina, faz o diagnóstico de si mesmo, está se preocupando com o seu corpo e não com ele mesmo, entendendo o eu como sua alma;
- A segunda distinção concerne à economia. Um bom pai ou uma boa mãe de família, um bom ou uma boa proprietária ocupa-se com sua família e com seus bens, mas isso não faz com que ele (a) se ocupe consigo mesmo;
- A erótica. A exemplo dos pretendentes de Alcibíades descritos no texto de Platão compreende-se que eles não se ocupam de fato com Alcibíades, mas apenas com seu corpo e beleza. Eles não se ocupam com sua alma enquanto sujeito de ação que ela é. No entanto, Sócrates realmente ocupa-se com o eu de Alcibíades, pois mesmo depois de

perder parte de sua beleza, mesmo não sendo tão jovem como antes, o filósofo dirigiu-lhe a palavra e tenta ajudá-lo a cuidar de si e assim saber bem governar a cidade. Sócrates cuida da maneira como Alcibíades cuidará de si mesmo.

Foucault cita essas três distinções porque, segundo ele, evocam problemas que no futuro terão uma importância significativa na história do cuidado de si e de suas técnicas. Futuramente essas três passagens serão relacionadas ao cuidado de si fazendo com que o autor questione se o conjunto dessas três atividades pode ser compatível com o cuidado de si. Segundo ele várias respostas serão fornecidas por diferentes escolas filosóficas, no entanto, não vem ao caso discuti-las no presente trabalho.

Vamos então à segunda questão fundamental retratada em Alcibíades: em que deve consistir este cuidado consigo? A resposta que Foucault identifica é simples. Cuidar de si mesmo deve consistir em conhecer-se a si mesmo. Observamos então pela terceira vez o aparecimento do *gnôthi seautón*. Diferentemente das outras vezes que é citado, este preceito surge agora com maior destaque, surge com toda sua dimensão. Percebe-se que essa descoberta é um verdadeiro marco não só no platonismo, como na história do cuidado de si. O conhece-te a ti mesmo ganha importância nesse momento.

Se cuidar de si mesmo consiste "em conhecer-se a si mesmo" (Foucault, 2006, p. 85) e o eu a que devo cuidar, este "si", o subjetivo, com que devo me preocupar é a alma, sendo esta o indivíduo em sua plenitude, enquanto propulsor de suas próprias ações, logo, vem a pergunta: como conheço o meu eu, a minha alma? A "metáfora do olho" ⁴ é utilizada em uma passagem do texto *Alcibíades* e com ela Foucault conclui que:

⁴ Foucault explica a metáfora do olho utilizada por Platão relatando que um olho pode se ver quando percebe sua própria imagem no olho do outro. Sendo assim, a condição para que o indivíduo conheça a si mesmo é uma identidade da mesma natureza que a sua. Mas o olho não se vê no olho e sim no princípio da visão. Ou seja, a analogia que o autor faz com a alma é que ela também só se verá dirigindo seu olhar para alguma coisa da mesma natureza que ela, sendo que, o que constitui o princípio de sua natureza é o elemento divino asseverado no pensamento e no saber.

[...] a alma só se verá (sendo capaz de se conhecer) dirigindo seu olhar para um elemento que for da mesma natureza que ela, mais precisamente, olhando o elemento da mesma natureza que ela, voltando seu olhar, aplicando-o ao próprio princípio que constitui a natureza da alma, isto é, o pensamento e o saber. [...] É voltando-se para este elemento assegurado no pensamento e no saber que a alma poderá ver-se. Ora, o que é este elemento? Pois bem, é o elemento divino. Portanto, é voltando-se para o elemento divino que a alma poderá apreender a si mesma. (FOUCAULT, 2006, p. 88).

Somente em contato com o divino a alma será dotada de sabedoria. E assim, quando isso ocorrer, a alma saberá distinguir o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, saberá governar a cidade e conduzir-se como deve. Então vemos que todo o diálogo entre Sócrates e Alcibíades caminha para fazer com que Alcibíades compreendesse que a melhor forma de governar a cidade é ocupando-se consigo mesmo; sendo que o eu com que ele deve ocupar é sua alma; e que ocupar-se consigo é conhecer-se a si mesmo; esse conhecimento de si necessita de um olhar atento em direção a si mesmo, reconhecendo um elemento que é igual a si mesmo e que é a própria essência da sabedoria e do conhecimento: o elemento divino. No final do diálogo Alcibíades promete ocupar-se com a justiça tendo essa prática o mesmo sentido da noção "ocupar-se consigo mesmo".

Em síntese, concluímos que para cuidar de si mesmo é necessário conhecer-se a si mesmo; para conhecer-se, é preciso olhar-se em um elemento que seja igual a si, elemento este que seja o próprio princípio do saber e do conhecimento; e este princípio do saber e do conhecimento é o elemento divino.

O reconhecimento do elemento divino em si mesmo como consequência desse olhar voltado para si mesmo é a forma socrático-platônica do cuidado de si, que tem seu ponto mais alto na busca pela verdade por meio do saber e do conhecimento.

1.3 Sócrates e a educação

Elevar o espírito humano, ter por ofício incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos, a terem cuidados consigo e a não descuidarem de si. Essa é a “missão” de Sócrates e desde o início da obra *Apologia de Sócrates*⁵ ele declara ser o responsável por despertar seus concidadãos para que não se ocupem demasiadamente com os bens do corpo e sim com os bens da alma. Ao enfatizar a importância de se voltar para dentro de si mesmo, Sócrates inaugura um novo conceito de educação, que valoriza o ser em si mesmo, o diálogo e afeto entre professor e aluno e ainda a importância da formação social na constituição de homens de bem.

Fixando-nos no que diz respeito à educação nesse período, Sócrates nos traz ensinamentos muito importantes ao introduzir o conceito do cuidado de si. E é justamente Foucault quem nos convida a entendê-lo em seu curso.

No diálogo entre Sócrates e Alcibíades, vemos o filósofo grego agir como um mestre que tenta extrair ensinamentos morais e racionais de seu discípulo. Sócrates o convida a refletir sobre sua educação, sobre seus conhecimentos, sobre ele mesmo. Propõe que ele atente a si mesmo, percebendo que sua educação é insuficiente para governar a cidade. No entanto, não o deixa sem auxílio; ao contrário, lhe dá uma solução: “aprenda a cuidar de si mesmo”.

Como antes foi falado, o cuidado relaciona-se com a política, a pedagogia e com o conhecimento. Dessa forma podemos perceber que a educação a que Sócrates se referia considerava aspectos fundamentais no desenvolvimento moral e intelectual do ser humano. Sua atitude filosófica buscava a formação de pessoas capazes de questionar sobre o seu papel no contexto social, sua importância na sociedade e aptas a praticarem ações em benefício de si mesmas e do próximo.

Quando Sócrates, por meio de perguntas, coloca em dúvida as habilidades e conhecimentos que Alcibíades julga possuir, inicia-se aí a relação

⁵ Platão, “Ciência e Missão de Sócrates” (1999). In: *Apologia de Sócrates*. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999, p. 43-48.

mestre-discípulo ensinada pelo filósofo. Sócrates exerce a função de mediador, pois é ele quem leva Alcibíades a compreender sua ignorância. Seguindo seu raciocínio é papel do educador incitar, impulsionar o aprendiz a aprender, a interrogar, a pensar sobre aquilo que sabe e sobre o que pensa saber. A educação com ele parte de um cuidado, cuidado de si mesmo para um cuidado dos outros. O mestre tem, portanto, o papel essencial de mediador na construção do outro por ele mesmo. O mestre é aquele apto a impulsionar seu discípulo a buscar o saber por ele mesmo. Havendo no educando conhecimentos prévios, faz nascer neles a vontade pelo aprendizado, incentivando-os a chegar à resposta por eles mesmos, raciocinando, observando, errando, refazendo até compreenderem o assunto. Mediador nesse processo, o professor não é um mero transmissor de respostas, não as dá prontas e formuladas, mas nutre dentro deles o desejo por sua conquista.

A educação do filósofo grego é questionadora, leva o aluno a um senso de autocrítica. Ele aprende a refletir sobre o que acontece a sua volta, sobre o que ocorre no mundo e dentro de si mesmo. Portanto, toma consciência do seu papel social e político. Apresenta-se como um cidadão inserido no mundo.

Em *Alcibíades* é nítido esse papel exercido por Sócrates. Ele se mostra como um mestre capaz de reconhecer seus erros e limitações, mas arriscando junto ao discípulo acertos e soluções para os problemas que surgirem. Atenta Alcibíades para a necessidade de repensar sobre si mesmo, da necessidade de refletir um pouco sobre sua educação, sobre seus conhecimentos ético-morais e políticos. Sócrates propõe que ele se atente a si mesmo, passe a conhecer a si mesmo. Sua função de educador foi a de lhe suscitar interrogações, dúvidas, incertezas para estimular-lhe, provocar-lhe o desejo de buscar conhecimentos e verdades por ele mesmo. Ao fazer isso, sugere caminhos, proporciona escolhas para que ele desperte, tome consciência de si mesmo e do ambiente a sua volta.

A educação, portanto, não se dá sem o auxílio do outro. Sócrates afirma que, somente com sua ajuda Alcibíades estará apto a governar bem a cidade de Atenas, pois é ele quem abre seus olhos para enxergar sua falta de preparo como um governante e seu pouco conhecimento ante saberes simples. O

educador é elemento fundamental no processo de ensino-aprendizagem, não se pode cuidar de si sem passar pelo mestre. É na afeição que possui pelo discípulo que ele será capaz de cuidar do cuidado que aquele que ele guia pode ter de si mesmo, ou seja, querendo o bem de seus alunos o professor estará mais envolvido e atento ao seu processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, o educando necessita do outro para orientá-lo em sua busca pelo conhecimento e é esse outro que lhe apresentará os caminhos possíveis de alcançá-lo. Ele lhe abrirá os olhos para que veja a si mesmo, descobrindo suas habilidades, qualidades e dificuldades, é este outro retratado na figura do educador que o impulsionará a cuidar de si mesmo, a educar-se, pois este já liberto das verdades preestabelecidas e definitivas, já tendo compreendido a importância da problematização do conhecimento, da perturbação do pensamento, terá consciência da necessidade de cuidar de si mesmo, educar-se a si mesmo estando preparado para assistir a edificação do educando por ele mesmo.

A educação ensinada por Sócrates e demonstrada por Foucault em seu curso no *Collège de France* vai além de uma instrução convencional, baseada na transmissão de informações. Seu grande ato é estimular o aluno a pensar, a encontrar saberes por si mesmo, não de forma passiva, mas ao contrário, ativo e atuante no próprio processo de aprendizagem. Sua maior contribuição é reconhecer como principal fim a formação do homem, este propenso a transformações e progressos não só intelectuais como morais, e sendo igualmente responsável pela melhora da sociedade na qual vive.

O cuidado de si mesmo engloba, portanto, o cuidado dos outros. Pensar em si mesmo na busca constante pela própria reforma mental e ética leva o ser a também pensar na reestruturação da sociedade; no seu aperfeiçoamento enquanto parte expressiva dela. A educação por meio desse cuidado tem um aspecto social capaz de fomentar nos seres humanos a busca por uma vivência em harmonia, sem desigualdades e disposta a novas ideias e movimentações. Educação essa que nos proporciona entendimentos diversos, sendo válido questioná-los e repensá-los.

Com o auxílio do curso ministrado por Foucault, assim como de textos da Antiguidade Clássica por ele estudados, podemos entender que buscar verdades e conhecimentos é um exercício permanente de reflexão e investigação, que deve durar a vida toda e pode ser realizado por todos os indivíduos. "Caem por terra" as respostas definitivas, o professor como o detentor de todo o saber e o ensino estático e repetitivo tão constantemente difundido e por muitos combatido no contexto escolar.

Referente ao cuidado de si socrático-platônico e o professor, parto do pressuposto já mencionado de que o papel do educador é de cuidar de si mesmo e dos outros (educandos), transpondo-se também como sujeito no processo de aprendizagem. E, a partir desse cuidado de si, o professor poderia encontrar-se, emancipar-se, construir-se como educador, pois educando-se a si mesmo, pode ser capaz de preparar o outro para que seja possível que este eduque-se a si mesmo. Dessa forma, passamos a enxergar o conhecimento diferentemente daquele apresentado frequentemente na escola, como um processo estagnado e delimitado. Para ilustrar essa ideia do educador como aquele que se preocupa com o cuidado que o educando tem de si, remonto ao já mencionado texto de Platão, *Apologia de Sócrates*.

A obra descreve os dizeres de Sócrates em seu próprio julgamento. Este estava sendo acusado de praticar ações capazes de corromper a juventude e a rejeitar os deuses da Grécia e, portanto, se vê obrigado a refutar essas acusações, expondo sua história e justificando a vida que levou em Atenas. Logo de início, Sócrates expõe sua missão: cuidar do cuidado que cada um que se dispõe a ouvi-lo tem de si mesmo.

Sócrates explica que exerce uma atividade designada pelos deuses, pois descobriu por meio destes ser o mais sábio de Atenas. Quando soube de tal fato hesitou aceitá-lo, então passou a refletir sobre essa afirmação e resolveu investigá-la. Começou a procurar por todos os homens em Atenas considerados os maiores sábios da cidade e descobriu que eles pouco sabiam sobre assuntos que diziam dominar. Sócrates observou com isso o que considerava mais grave: todos eles ignoravam sua própria ignorância. Pensavam possuir saberes que não possuíam. Achavam-se superiores

culturalmente e, no entanto, alguns homens considerados extremamente ignorantes tinham maiores conhecimentos do que muitos desses nomeados sábios. Sócrates percebeu então o que os deuses quiseram lhe dizer: pouco valor tem a sabedoria humana, ou seja, os indivíduos ainda pouco sabem sobre a natureza das coisas, pois muito ainda se tem para descobrir e conhecer.

Esse ensinamento de Sócrates chama a atenção dos educadores, pois para buscar o conhecimento e ser capaz de ensiná-lo é necessário que sejamos capazes de sair da obscuridade que nos assola: a ignorância que se ignora. E que ignorância é essa?

Segundo Smolka (1988), na sala de aula se faz necessário distinguir a tarefa de ensinar e a relação de ensino. No entanto, a maioria dos professores não consegue fazer essa distinção. Relações de ensino abrangem as interações sociais, considerar os aspectos fundamentais no processo de convivência, interação e relação com os alunos, pais, colegas de trabalho, superiores presentes no dia-a-dia da escola. A tarefa de ensinar se baseia nessa relação de ensino, mas infelizmente ela vem ocultando essa relação e se institucionalizando, produzindo a ilusão de que o professor é sempre o principal possuidor do conhecimento, e somente ele pode oferecê-lo à criança. Com o tempo, alguns professores foram internalizando essa ideia e esqueceram-se de olhar para si mesmos, esqueceram-se de constituir-se como educadores, talvez embruteceram-se⁶. A ignorância desse fato e o fato de ignorar essa ignorância pode tornar o professor um mero transmissor de conhecimentos, inconsciente, portanto, do seu próprio papel como educador no contexto e funcionamento da sociedade. Ao agirem assim, não são capazes de auxiliar seus alunos a construir conhecimentos, pois se limitam a oferecer respostas prontas e definitivas, incentivando-os à cópia e à obediência.

⁶ Na visão de Jacques Rancière, filósofo e professor da European Graduate School de Saas-Fee, o educador embrutecido é aquele que apenas expõe seu saber ao aluno não lhe dando possibilidade, de pensar de criar de construir, o conhecimento por si mesmo. Além disso, segundo o também escritor francês o professor embrutecido tem a necessidade de saber mais do que aquele a quem ensina.

Jacques Rancière em sua obra *O mestre ignorante* sugere a todos os educadores que confiem na capacidade intelectual de seus alunos, que estejam conscientes do poder do espírito humano de aprender por si mesmos. Segundo ele, habituamo-nos a acreditar que o professor é aquele que deve passar seus conhecimentos aos educandos para elevá-los à sua própria ciência. A criança aprende a falar por sua própria inteligência, no entanto somente ao estar em contato com o mestre considera-se verdadeiramente o início de seu aprendizado. Como se somente ele lhe oferecesse a real e correta instrução para toda a vida.

A educação vista desse modo trata de produções e construções externas e independentes do indivíduo. E é Sócrates que nos move a enxergar essa problemática, pois, para ele, a busca pelo conhecimento não deveria ter fim, já que ninguém o possui em sua totalidade. É preciso repensar sobre essa educação a qual os educadores supõem "transmitir", afinal educar não visa inculcar conhecimentos no educando. É possível ir além. E seguindo o raciocínio de Foucault podemos partir de uma educação questionadora que, inspirada em Sócrates, incita, impulsiona o aprendiz a aprender, a interrogar, a pensar sobre o aquilo que sabe e sobre o que pensa saber. A educação poderia partir de um cuidado, cuidado de si mesmo e cuidado dos outros. Os mestres teriam, portanto, o papel essencial de construtores de si mesmos e mediadores na construção do outro por ele mesmo. Mas, como seria a ação do professor que cuida de si mesmo partindo em busca do cuidado do outro por ele mesmo? Em seguida, tentaremos expor essa questão.

1.3.1 Ação do professor no cuidado de si socrático-platônico

O educador, já tendo educado a si mesmo, atuaria na educação do outro, ou como já dito, cuidaria do cuidado que o outro tem de si mesmo. Seria o mediador no processo de ensino-aprendizagem do educando, impulsionando-o na construção do conhecimento e na construção de si mesmo. E como isso se daria? Com base nos ensinamentos de Sócrates, em seus diálogos descritos por Platão (como vimos em *Alcibíades* e *Apologia de Sócrates*), que

descrevem um Sócrates questionador capaz de provocar perguntas e curiosidades naquele que o ouve. Capaz de impulsionar a vontade de conhecer àquele o qual sua fala é direcionada.

Como dialogar com o educando? Como educar por meio de questionamentos?

A princípio, o educador poderia olhar o aluno como um ser também possuidor de conhecimentos, acreditando que o mesmo já possui saberes prévios, pois ao contrário do que pensava o filósofo inglês John Locke⁷, a mente do educando não é como uma tábula rasa a qual deve ser preenchida pelo professor, fornecendo conhecimentos e experiências. Citando um artigo de Zuanon, o aluno:

Apresenta-se com uma bagagem de conhecimentos, capacidades e destrezas prévias, além de uma idéia pré-formada acerca da escola, do professor, assim como da atuação deste no exercício de sua profissão. Traz também consigo as crenças, os valores, os seus modelos mentais acerca da sua realidade. (ZUANON, 2006, p. 16).

Valorizar os conhecimentos do educando é, portanto, acreditar que não é somente ele que aprende, com ele vem uma série de experiências que são atreladas ao processo de educação, e elas devem ser lembradas, questionadas, capturadas para que assim o educador entre em contato com sua memória e individualidade, gerando com isso uma aproximação entre professor-aluno e impulsionando o início da construção da subjetivação do educando.

Apreendidos os saberes do aluno, cabe ao educador suscitar interrogações, dúvidas, incertezas para estimular, provocar o desejo no educando de buscar conhecimentos e verdades por ele mesmo. Ao fazer isso, o educador sugere caminhos e proporciona escolhas para que o próprio aluno chegue à resposta.

⁷ Nascido em 29 de agosto de 1632 na cidade inglesa de Wrington, John Locke foi um importante filósofo inglês, conhecido principalmente por ser um grande nome da doutrina filosófica denominada empirismo e um dos ideólogos do liberalismo e do iluminismo.

Sabemos que a verdade em Sócrates nasce de discussões e interrogações feitas ao interlocutor, e este, por sua vez, responde às questões e dialoga de acordo com o que acredita estar certo. O filósofo nos conduz a procurar a verdade por meio de um processo racional, já que para ele uma ideia não pode ser afirmada sem ser comprovada e analisada. Não afirmando nenhuma verdade pronta, mas admitindo algumas inverdades, Sócrates em seus diálogos fazia o ouvinte compreender que muitas ideias que este obtinha do mundo eram noções preconcebidas e cobertas de preconceitos sedimentados pelo costume. Produzindo argumentos e fazendo nascer novos conceitos e concepções, ele construía junto ao interlocutor o conhecimento referente à ideia que estava em questão no diálogo. Desse modo, Sócrates levava o indivíduo a agir com determinada cautela, ao se deparar com saberes estabelecidos pelo senso comum, e contribuía para que este se colocasse à disposição para analisar e refletir a respeito desses saberes.

Trajetória semelhante a essa, o educador pode traçar junto ao educando. Procurando compartilhar seus ensinamentos de forma racional, nunca impondo seus pontos de vista pessoais e partidários e as suas crenças como regras para a vida cotidiana dos seus alunos. Entendendo, é claro, que a neutralidade jamais é possível, pois nenhum educador pode abster-se de suas convicções, de seus projetos de vida, de sua visão de mundo, mas deixando claro que sua atuação pode sempre buscar a autonomia do educando, permitindo o seu pensar crítico, para que, dessa forma, se faça possível a produção de respostas capazes de abarcar novos entendimentos e deslocamentos sobre os assuntos tratados.

Paulo Freire, educador e filósofo brasileiro, trata sobre esse tema em seu livro intitulado *Pedagogia da Autonomia*. Nele, o autor nos fala um pouco sobre a prática educativa e da impossibilidade dessa neutralidade:

Creio poder afirmar, [...] que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu

caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra. (FREIRE, 2002, p. 41).

Todavia, ele ainda afirma a necessidade do educador respeitar a autonomia do aluno não impondo a sua vontade e opinião:

Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, a prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante. De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade mais impor ao educando a vontade de arrogante do mestre. (Idem, p. 36).

O objetivo desse cuidar do cuidado que o outro tem de si mesmo seria então o de incentivar os educandos a comporem-se como sujeitos, capazes de alcançar conhecimentos por si mesmos e capazes de pensar e ponderar os acontecimentos à sua volta. O educador surge como um intermediário que participa e auxilia o educando a refletir sobre os conteúdos que lhes foram apresentados, e o aluno seria aquele que se posicionaria, colocaria sua opinião crítica condizente à sua compreensão.

Falamos que o cuidado de si socrático-platônico exige que conheçamos a nós mesmos e que olhemos para o próprio princípio do saber e do conhecimento, sendo este o elemento divino. Podemos compreender esse modo de cuidado, comum no período clássico, nos dias de hoje? É possível interpretá-lo de forma a auxiliar os educadores em sua prática na escola?

Penso que as respostas para essas questões podem ser positivas, mas primeiramente é necessário entender o elemento divino. Pois este é um conceito bastante presente no período clássico, não haveria uma Grécia sem a crença e o culto aos deuses. Como então transpor esse conceito para a atualidade, se no campo escolar a realidade é outra? Não podemos nos referir a deus sem mencionar as crenças, as convicções culturais daquele que educa e é educado, podendo até mesmo nos deparar com muitos pensamentos

contrários e até mesmo depreciativos a esse respeito. Contudo, ainda me dedico a trazer o elemento divino enfatizado por Sócrates e apresentado por Foucault em seu curso, mas conduzindo-o de outro modo.

Para cuidar de si, o educador precisaria ocupar-se consigo mesmo, conhecer-se, estudar-se, verificar seus conhecimentos e suas concepções pedagógicas; questionar-se sobre sua conduta, sua prática dentro e fora da sala de aula; olhar para dentro de si analisando seus pensamentos e ideias possuindo, portanto, uma consciência ética de seu papel na sociedade; o elemento divino, que poderíamos nomear assim – consciência ética – somente aceitaria, nessa relação consigo mesmo aquilo que considerasse válido para si e para o outro. Desse modo, essa consciência seria o princípio do saber e do conhecimento a que todo educador basearia sua atuação, pois, compreenderia por meio dela que, apesar de sua particularidade, seus comportamentos não refletem apenas no âmbito individual, mas também no social. Em síntese, o elemento divino, agora entendido como consciência ética, seria uma reflexão íntima em que o indivíduo toma consciência de si mesmo, tornando-se conseqüentemente crítico, autônomo e até mesmo transformador do meio social no qual se insere.

Portanto, cuidar de si mesmo para tornar o educador capaz de cuidar do cuidado que o outro tem de si mesmo dependeria de todo esse movimento: ter ciência de que não é principal possuidor do conhecimento; no entanto, saber que não há cuidado de si e do outro sem que haja um mestre para guiar esse outro na busca pela educação de si e na busca pelo conhecimento; e, essencialmente, saber no que consiste esse cuidado de si (que já foi descrito acima).

Explicamos nesse capítulo o cuidado de si socrático-platônico e de modo a ampliar sua significação, tentamos relacioná-lo a educação como um todo. No próximo capítulo trataremos sobre o cuidado de si helenístico-romano muito enfatizado por Foucault no referido curso e com ele pensaremos questões fundamentais na área educacional.

SEGUNDO CAPÍTULO

O CUIDADO DE SI HELENÍSTICO-ROMANO E A EDUCAÇÃO

2. Introdução

O período compreendido entre os séculos I e II de nossa era é visto por Foucault como a idade de ouro do cuidado de si. Isso porque essa noção é apresentada em sua centralidade. Amplia-se o conceito socrático, já que ocupar-se consigo mesmo agora tem um fim em si mesmo, não é mais o governo da cidade que está em jogo, tampouco o cuidado dos outros é o núcleo do cuidado: cuida-se de si tendo fundamentalmente o eu (o si mesmo) como objeto principal.

O cuidado de si encontrado nesse momento também está ligado a exercícios e práticas que devem ser realizadas com o objetivo de corrigir e formar o eu. Não há mais a questão da ignorância e sim a busca por erros, maus hábitos, dependências que devem ser corrigidas. O sujeito necessariamente precisa reformar-se.

2.1 O cuidado de si e a conversão a si

Ao longo da história, a noção do cuidado de si foi se modificando e tornou-se um preceito com uma nova concepção denominada “conversão a si”. Essa conversão a si teve seu ponto crucial no período helenístico e romano e seu intuito era provocar um deslocamento do sujeito em relação a si mesmo, devendo ir em direção a alguma coisa que é ele próprio e ao mesmo tempo retornar sobre si mesmo. A conversão a si é um voltar-se para si mesmo. Em todas as atividades da vida deve se ter a consciência de que se é próprio fim, não deixando de praticá-las, mas estando sempre atento sobre si mesmo, se desviando de assuntos supérfluos, sujeições e dependências. Isso, porque se o

indivíduo torna-se soberano de si mesmo sente-se feliz e satisfeito com o que se é.

Em *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*, Foucault chega a mencionar que aquele que durante sua vida souber conter equilibradamente suas paixões e desejos, domando-se para utilizar bem suas habilidades, poderá chegar ao final da vida gozando de bem-estar físico, afetivo e moral. Aproximando-se, assim, da desejada mediania, noção enfatizada por Aristóteles em seu livro *Ética a Nicômaco*. Segundo o filósofo grego, a virtude é uma disposição de caráter que deve visar o meio-termo, pois é ela que diz respeito às paixões e ações, nas quais o excesso é uma forma de erro, como também a carência o é. Para ele, “em todas as coisas o meio-termo é digno de ser louvado” (Aristóteles, 1991, p.45). Como a temperança, virtude muito valorizada desde os gregos, pode ser considerada um “meio-termo” em relação aos prazeres, Foucault enfatiza que o controle de si mesmo possibilitaria seu alcance, permitindo agir com justiça e bom senso. O cuidado de si se relaciona a esse equilíbrio consigo mesmo esse domínio de si sempre almejado e enfatizado nos textos clássicos.

O modelo helenístico privilegia o cuidado de si e preserva-lhe a sua autonomia em relação ao conhecimento de si, sem desconsiderá-lo. “Correção-libertação bem mais que formação-saber” (Foucault, 2006, p. 116). Enfatiza-se que todo homem deve primeiramente cuidar de si mesmo. Deve buscar seu próprio bem, o que lhe é útil e indispensável. Como já dito, o objetivo de seu cuidado deve ser ele mesmo.

O homem como ser racional deve também interrogar-se sobre o que é e o que são as coisas que não são ele e questionar sobre o que depende dele e sobre o que não depende; o que convém fazer ou não fazer. Aquele que tiver se ocupado como convém saberá cumprir seus deveres (seja como profissional, irmão, pai, etc.) e estará contribuindo com a própria comunidade humana. É no cuidado de si que o homem fará seu próprio bem e bem aos outros.

Podemos presumir, então, que o cuidado de si conseqüentemente acarreta o cuidado do outro e não o contrário. Um exemplo pertinente utilizado

por Foucault em seu curso é sobre a função do príncipe. Há a falsa ideia de que o príncipe deve cuidar dos outros antes de cuidar de si mesmo, pois ele é responsável pela população que dirige. No entanto, analisando os textos de Marco Aurélio⁸, Foucault chega à conclusão que o princípio geral para quem quer ser príncipe consiste exatamente em extinguir de seu comportamento tudo o que é próprio a uma tarefa principesca (certas funções, privilégios e deveres). É preciso, portanto, esquecer que se é príncipe e apenas desempenhar seu trabalho como um homem comum, conduzindo-se como tal. Na passagem em que Marco Aurélio faz seu exame matinal de consciência é explanada a questão da soberania como ocupação, “como tarefa cuja estrutura moral, cujos princípios fundamentais são os de qualquer atividade profissional” (Foucault, 2006, p. 246).

Sendo assim, a soberania não é privilégio, é trabalho como os outros; e é necessário cumprir esse trabalho. Essa ideia significa que aquele que comanda, que governa, não somente estabelece obrigações, mas que estas obrigações pressupõem que sejam realizadas e efetuadas a partir de uma postura e ação moral equivalente àquela de qualquer outra pessoa em relação às funções que lhe couber. Desse modo, o principado torna-se profissão, porque o objetivo primeiro do sujeito que quer ser o príncipe é ser ele próprio. Portanto, o príncipe sendo visto e devendo agir como um homem qualquer, deve assim como qualquer homem primeiramente cuidar de si mesmo. E é na medida em que tiver cuidado de si que encontrará todas as ocupações que lhe são próprias como príncipe. “É preciso lembrar-se sempre de que se deve ser um homem de bem e daquilo que a natureza exige. A honestidade moral, [...] é isto que deve constituir o próprio fundamento da sua conduta de imperador [...]. Os fundamentos de sua ação é que constituem seu objetivo. E o que é seu objetivo? É ele próprio [...]. É cuidando de si que, necessariamente, cuidará dos outros”. (Foucault, 2006, p. 248).

⁸ César Marco Aurélio Antonino Augusto ou apenas Marco Aurélio foi um grande imperador romano que também se dedicou à cultura e à filosofia, sendo sua obra mais conhecida a de nome *Meditações*.

No próximo tópico trataremos a educação desse período descrevendo a escola epicurista apresentada por Foucault em seu curso no *Collège de France* em 1982.

2.2 A escola epicurista e o texto *Peri parrhesías* de Filodemo

De modo a resgatar a educação e cultura desse período, Foucault nos traz em seu curso descrições sobre a escola epicurista, retomando modelos educacionais de grande importância para a humanidade, mas, no entanto, pouco conhecidos e estudados.

De início o autor trata das escolas epicuristas ressaltadas no texto *Peri parrhesía* de Filodemo⁹. Nelas, era essencial que cada aluno tivesse um guia, um diretor que lhe assegurasse a direção individual. E essa direção individual era organizada em torno de dois princípios: não podia fazer-se sem que houvesse entre os pares, o diretor e o dirigido, uma intensa relação de amizade; e sem uma certa "ética da palavra" (*parrhesía*) que é a abertura do coração, a necessidade entre os pares e os mestres de nada ocultarem um ao outro sobre o que pensam.

O ensino nessas escolas considerava dois tipos de indivíduos: aqueles que são maus por natureza, já nascem portando sentimentos contrários ao bem, precisando ser forçados para fora dessa situação em que se encontram; e aqueles para os quais bastam ser guiados. Todavia, não se tem uma diferença de valores entre eles, apenas de técnicas a serem empregadas para a formação-constituição de cada um.

Referente à escola de Epicteto¹⁰ em Nicópolis Foucault afirma que lá as reuniões eram frequentes e exigentes. A formação era voltada para a filosofia e

⁹ Filodemo, mestre e escritor, nasceu na Síria e estudou o epicurismo em Atenas. Em 80 a.C. mudou-se para a Itália, onde passou a viver. Escreveu diversas obras, e entre os assuntos tratados podemos citar a morte, os deuses, a piedade, entre outros.

¹⁰ Epicteto foi um filósofo pertencente à Escola Estóica nascido em 55 d. C. Viveu grande parte de sua vida em Roma como um escravo. Quando adulto tornou-se livre e dedicou-se à filosofia, ameaçando juntamente com outros filósofos o poder do imperador de Roma Domiciano, que então o expulsou da cidade. Exilou-se na Grécia, onde abriu sua própria escola de filosofia e propagou suas ideias sobre o estoicismo.

indicava ao aluno como atuar nessa área. Mas, focava principalmente em ensinar condutas, formas de agir. Para ele, o filósofo que verdadeiramente ensina é aquele que promove ensinamentos capazes de mover o espírito na boa direção e também na arte da discussão.

Podemos dizer que essa escola interessava-se principalmente em formar cidadãos capazes de agir por si mesmos na direção do bem. Valorizava o ensino intelectual (filosofia), mas especificamente o ensino moral de seus estudantes. Destacamos aqui a noção de *parrhesía* utilizada pelo mestre na relação de confiança que tem com o discípulo. Ela é entendida como uma técnica de liberdade que permite ao educador utilizar determinado conhecimento verdadeiro, propício naquele momento e capaz de promover a mudança, a melhoria no indivíduo.

A *parrhesía* refere-se à atitude moral e ao procedimento técnico (*tékhne*) indispensáveis para transmitir o discurso verdadeiro a quem dele precisa para a constituição de si mesmo como sujeito de soberania sobre si mesmo. Em relação ao educador, a *parrhesía* consiste em regras necessárias ao discurso de verdade que ele pronuncia. É a abertura que faz com que se diga o que se tem a dizer por que é necessário útil e verdadeiro. É uma qualidade moral que se requer de todo sujeito que fala.

Voltando ao texto de Filodemo, com auxílio de Foucault podemos observar a oscilação da *parrhesía*. Na obra, a *parrhesía* instiga os alunos a diferentes assuntos. Portanto, o seu papel é também o de agir sobre os discípulos, incitá-los a algo, intensificar a benevolência dos alunos uns para com os outros graças ao fato de ser ter falado livremente. A prática da palavra livre por parte do mestre deve ser tal que sirva de estímulo e de suporte aos alunos que, também eles, terão o direito e a obrigação de falar livremente. Palavra livre que aumentará entre eles a afabilidade e a amizade.

Segundo Foucault, nos grupos epicuristas os alunos tinham a obrigação de se reunir diante do mestre e depois falar: falar para dizer o que pensam o que têm no coração, quais as faltas que cometeram etc. É a abertura de sua própria alma colocada em comunhão com a dos outros, operando assim o que é necessário para sua própria edificação e incitando os outros a terem em

relação a ele uma atitude de benevolência e por meio disto incitando a todos os membros do grupo a realizarem sua transformação, a mudança do seu *êthos*, do seu modo de conduzir-se.

Fica evidente que dentro da escola havia uma prática de si considerada pelo mestre e transmitida a seu discípulo. Este aprendia que filosofar não é somente falar, mas dizer com a alma o que se pensa o que se deve modificar e principalmente utilizar-se da qualidade moral necessária para sua edificação, sendo esta a *parrhesía*. É uma prática que se dedica a si mesmo, é um modo de cuidar de si mesmo e quem a pratica exercita uma ética consigo mesmo, pois a escolha de uma vida plena originada na tranquilidade e no cultivo a si é a escolha de uma *tékhne toû bíou* (arte de viver). Portanto, quem opta por essa relação consigo mesmo assume a responsabilidade da própria construção de si e da sua felicidade.

Posteriormente falaremos do conhecimento de si e do mundo trazido pelos estóicos. Estes enfatizam sobremaneira as questões morais, sugerindo a moderação dos desejos como um fator fundamental para um olhar mais atento a si mesmo.

2.3 Conhecimento de si e do mundo nos estóicos

Os estóicos nos trazem ensinamentos valiosos no que se refere ao conhecimento e ao cuidado de si. Partindo dos dizeres de Sêneca¹¹, apresentados no curso de Foucault, faz-se necessário voltar o olhar para a contemplação de si independente da idade em que estiver. É importante se afastar das histórias e crônicas que aparentam mostrar grandes homens a serem seguidos e benefícios duradouros que nos serão proporcionados, ou seja, muitas das narrativas que nos são contadas podem não ser verdadeiras, isso porque nos iludem ao mostrar os “grandes homens” e “grandes acontecimentos” que na realidade não o são. A grandeza do ser humano para

¹¹ Sêneca foi um conhecido escritor de Roma. Redigiu diversos tratados filosóficos, expondo suas ideias sobre o estoicismo. Mesmo originário de família ilustre, estudava os ideais estóicos de renúncia aos bens materiais e buscava a ataraxia, o prazer em equilíbrio.

os estóicos não se encontra em guerras vencidas, nas buscas por riquezas e glórias, mas sim na superação e vitória sobre as nossas próprias paixões; na busca por serenidade diante às adversidades; na luta contra os prazeres, não perseguindo os bens passageiros, mas a própria felicidade em si mesmo. Quando se consegue tudo isso se está livre da servidão a si. Essa servidão ocorre quando impomos certas obrigações e tentamos delas tirar algum proveito seja financeiro, seja o de obter status, todos aqueles que se referem aos prazeres do corpo.

Analisando essa passagem, podemos trazer como reflexão um questionar sobre os pressupostos e princípios do pensamento moderno que traz em seu currículo de formação escolar certezas e afirmações totalizantes. Saberes e valores universais em detrimento daqueles construídos socialmente. Como não desconfiar hoje das pretensiosas verdades acabadas no interior das instituições escolares, trazidas não somente pelos muitos livros didáticos e as chamadas “cartilhas”, como também por alguns professores “constituídos historicamente” como os detentores de todo e qualquer saber?

Silva (2002) em seu texto *Documentos de Identidade – Uma Introdução às teorias do currículo*, nos fala um pouco sobre o pensamento e o currículo pós-moderno em oposição a este currículo de hoje; diz ele:

[...] Ele (o currículo existente) é linear, sequencial, estático. Sua epistemologia é realista e objetivista. Ele é disciplinar e segmentado. O currículo existente está baseado numa separação rígida entre “alta” cultura e “baixa” cultura, entre conhecimento científico e conhecimento cotidiano. (p. 115).

Nesse sentido Silva (2002) afirma ainda que:

[...] O pós-modernismo prefere o local e o contingente ao universal e ao abstrato. O pós-modernismo inclina-se para a incerteza e a dúvida, desconfiando profundamente da certeza e das afirmações categóricas. (p. 114).

Com o pós-modernismo o autor assinala novos entendimentos, novas ações, novos pensares sobre a educação e o currículo, questionando o saber inserido ou imposto nas escolas. De forma análoga, Foucault também vem questionar as verdades de hoje, trazendo suas contribuições e concepções sobre o ser e buscando na filosofia helenística críticas e formas de restabelecer uma ética do eu nas relações de si. Apoiando-nos na fala de Veiga-Neto sobre essa ótica de Foucault em relação aos questionamentos referentes aos acontecimentos do mundo, vale a pena delinear seu pensamento que alerta para não partirmos de conceitos imutáveis e seguros, não partirmos em nossas pesquisas de concepções prontas e definidas, afirmando o que são sem condição de alteração, pois “muito mais interessante e produtivo é perguntarmos e examinarmos como as coisas funcionam e acontecem e ensaiarmos alternativas para que elas venham a funcionar e acontecer de outras maneiras” (Veiga-Neto, 2005, p. 22).

No que concerne ao currículo, interpretamos no pensamento de Foucault uma necessidade de abandono das grandes narrativas e teorias que pretendem abranger todo e qualquer tipo de estrutura social, que buscam dar explicações absolutas do universo e da sociedade e se autoafirmam inovadoras. O que se tenciona, portanto, é interrogar essas conclusões, muitas vezes impostas aos alunos, e pensar novos modos de reflexão e perspectivas no campo curricular e pedagógico.

Voltemos agora a Sêneca, no momento em que nos chama atenção para que olhemos para nós mesmos, no momento em que pretende nos fazer enxergar além. Ele propõe que visualizemos a nós mesmos como partes integrantes da sociedade e importantes na construção da mesma. Quer que voltemos para o local, o próximo, o particular. Como indivíduos e como aprendizes precisamos questionar quem somos e buscarmos a todo o momento nossa transformação, nossa emancipação do que nos é superficial e nossa aproximação ao que nos faz plenos.

Também nos alerta para a necessidade de desviarmos o nosso olhar em relação ao outros. Mas, para um melhor entendimento deste desvio do olhar em relação aos outros, Foucault toma como ponto essencial de referência o

texto de Plutarco¹² intitulado *Tratado da curiosidade*. Entende-se com ele que ao invés de desejar conhecer os outros devemos fazer um exame um pouco mais sério de nós mesmos. Portanto, não devemos olhar o que se passa com os outros, mas interessar-se antes por nós próprios. Ele afirma que primeiramente é necessário seguir o conselho de Plutarco: “não seja curioso!”, isto é, ao invés de atentar-se aos defeitos dos outros é preciso ocupar-se antes com seus próprios defeitos. A maneira como se deve fazer este desvio do olhar dos outros para si, esse deslocamento da curiosidade, segundo Plutarco, consiste em voltar a alma na direção de coisas que são mais agradáveis do que os males dos outros. Segundo Foucault, Plutarco dá três exemplos de coisas mais agradáveis para se desviar dessa curiosidade:

- Primeiramente estudar os segredos da natureza;
- Ler histórias escritas pelos historiadores, pois os infortúnios nelas descritas estão no passado, não se sentem tão intensas como no presente;
- Retirar-se para o campo a fim de sentir prazer com a tranquilidade que lá se encontra.

Além desses exemplos, há que se acrescentar exercícios de não curiosidade mencionados por Plutarco e citados por Foucault em seu curso:

- Exercícios de memória (lembrar o que se aprendeu no dia e recitar para si mesmo de modo a permanecer em mente);
- Praticar caminhadas sem olhar para os lados, sem distrair-se com curiosidade sobre a vida do próximo;
- Quando na sequência de um acontecimento qualquer a sua curiosidade for atçada é preciso recusar-se a satisfazê-la. Podendo até expor-se a

¹² Plutarco foi filósofo e prosador grego. Escreveu cerca de 230 livros, sendo eles ensaios sobre Platão, sobre retórica e religião. Sua obra mais conhecida denomina-se “*Vidas Comparadas*” que reúne a biografia de inúmeros gregos e romanos, entre eles Alexandre, o Grande.

exercícios que testem a nossa resistência, como colocar sob os olhos coisas que desejamos muito e a elas recusar (Foucault, 2006, p. 269-273).

Entendemos, assim, que Plutarco censura o nosso desejo de saber o que se passa na vida dos outros não somente porque negligenciaríamos o olhar sobre nós mesmos, mas para que desse modo pudéssemos dirigir o pensamento à nossa própria ação, para perseguir o nosso propósito sem desviar o olhar. É para melhor vigiar a si mesmo e apenas a si mesmo se ater que não podemos nos preocupar com o que ocorre com o outro.

O próximo tópico tratará sobre o conhecimento da natureza como forma de alcançar o cuidado de si mesmo trazendo alguns pensadores que discorrem sobre esse assunto.

2.4 Conhecimento fisiológico em Epicuro

Como vemos até agora, o modelo helenístico e romano enfatiza sobremaneira a conduta do indivíduo, valorizando sua forma de agir e pensar em prol de si mesmo e dos outros. Em Epicuro¹³ não é diferente. Mas para tal o filósofo nos convida a estudar a natureza, diz ele em seu texto *Sentenças Vaticanas*: “o estudo da natureza (*physiología*) não forma fanfarrões nem artistas do verbo, nem pessoas que ostentam uma cultura julgada inviável para as massas, mas homens altivos e independentes, que se orgulham de seus próprios bens, não dos que advêm das circunstâncias” (Foucault, 2006. p. 291).

Epicuro faz crítica à *paideía* até então vigente, mas entrando em decadência devido, segundo ele, à extrema importância dada à aparência, ao verbo dito da “boca pra fora” sem um conteúdo mais profundo. Essa *paideía* é vista por ele como um modo de saber que só serve para o indivíduo vangloriar-

¹³ Epicuro nasceu na ilha de Samos em 342 ou 341 a. C. Mudou-se para Atenas e lá fundou sua escola, na qual ensinava uma filosofia prática e essencialmente moral, a qual dirigiu até o fim de sua vida.

se entre os outros, tendo como finalidade a glória. É um modo de saber que tampouco eleva e prepara o *êthos* do sujeito.

Para ele o estudo da fisiologia abrange o modo de funcionamento do saber que prepara o modo de agir do indivíduo. A fisiologia tem por função dotar a alma do equipamento necessário para seu combate, seu objetivo e sua vitória, produzindo assim homens nobres e independentes.

Entender os saberes das coisas do mundo, do céu e da terra, dá ao sujeito segurança sobre as coisas que estão acima dele, fazendo com que não as tema. Dessa forma, liberto desses temores pelo estudo da fisiologia, o homem presta mais atenção em si mesmo; e estas verdades adquiridas tornam-se capazes de afetar o sujeito e modificar o seu ser.

Foucault explica que no modelo helenístico descrito por Sêneca só se conhecerá a si mesmo como convém sob a condição que se tenha sobre a natureza um conhecimento amplo e detalhado. Assim como Epicuro, para ele deve-se conhecer a natureza para se colocar no interior de um mundo racional. Esse efeito do saber sobre a natureza é liberatório, pois como dito anteriormente nos permite que ajustemos melhor nosso olhar e que tenhamos sobre nós mesmos um certo contemplamento no qual o objeto desta contemplação seremos nós mesmos no interior do mundo.

Quando transpomos esse conhecimento da natureza para a atualidade, podemos pensar numa espécie de saber social e ético, pois os indivíduos ao apreenderem a fisiologia se tornarão dependentes deles próprios, refletirão por si mesmos quanto a sua forma de vida e se constituirão por meio de práticas construídas histórica e socialmente. Além disso, para Sêneca todos terão mais disposição para enfrentar as adversidades da vida e terão consciência dos acontecimentos do mundo. O sujeito encontrará em si mesmo a possibilidade de transformação.

Referentes às práticas e exercícios espirituais tratados por Foucault em seu curso abordaremos alguns deles a seguir.

2.5 Exercícios, práticas, ascetes

Ocupar-se consigo, converter-se a si mesmo exige exercícios, tarefas práticas, atividades variadas. Quais seriam elas? Ao longo do curso, Foucault nos traz alguns exemplos e os retrataremos aqui apresentando suas relações com as atividades realizadas na sala de aula no campo educacional como um todo, pois o cuidado de si tem como uma de suas características ser uma prática social. E no referente período essa prática social repercutia na educação, no ensino, nas escolas, se apoiava nas relações habituais, de amizade, de parentesco, etc.

Ascética, segundo Foucault, é “o conjunto mais ou menos coordenado de exercícios disponíveis, recomendados, até mesmo obrigatórios, ou pelo menos utilizáveis pelos indivíduos em um sistema moral, filosófico e religioso, a fim de atingirem um objetivo espiritual definido” (Foucault, 2006, p. 505). Sendo “objetivo espiritual” uma certa transformação dos indivíduos enquanto sujeitos de ação e de conhecimentos verdadeiros.

Para os estóicos os exercícios são uma livre escolha dos sujeitos no momento em que os julgar necessários. Apenas propõem-se a eles algumas regras de prudência. “Fazer da própria vida objeto de um *tékhnē* de uma obra boa e bela, implica liberdade e escolha não sujeição a regras”. (Foucault, 2006, p.513).

Difícilmente ouvimos falar em uma educação que considera a moral individual de cada um. Mas a educação no período helenístico-romano é diferente. Ela está sempre muito ligada à vida. Ao ser educado o mestre não pode esquecer-se de auxiliar na constituição ética do aluno. Os exercícios, práticas, ascetes que são comentados aqui mostram justamente isso, que junto à formação do corpo do pensamento sempre vem uma educação do *êthos*. Há nessa época, como diz Foucault, uma “coextensividade entre vida e formação” (Foucault, 2006, p. 534).

Era, portanto, muito importante entender os modos e os procedimentos que transformam os indivíduos em sujeitos. Essa educação do *êthos* constitui a forma de nos conduzirmos, propõe que pensemos em maneiras de viver, em

práticas que nos movam à constituição de nós mesmos. Tudo isso considerando a ética, ética que faz com que nos coloquemos no mundo e para o mundo; como relação de si para consigo; como forma de subjetivação coligada aos exercícios espirituais, a inúmeras práticas prescritas aos indivíduos histórica e culturalmente.

Pedagogicamente essas práticas se tornam um olhar para si e para o outro, há uma proposta de comunicação entre mestre e aluno que permite uma liberdade de expressão e uma atenção voltada à vivência de cada um. Temos os exercícios de escuta e escrita como exemplos de intensificação desse contato que admite a apresentação de ideias e pensamentos, tanto daquele que ouve como daquele que fala. Desse modo, passo a discorrer sobre exercícios, práticas, ascetes descritas por Foucault em seu curso, procurando evidentemente articulá-los à educação.

2.5.1 Exercícios de escuta

O exercício de escuta é uma prática pouco incentivada na sala de aula. O professor pede constantemente ao aluno que fique em silêncio, mas não busca valorizar a importância da escuta pelo aluno e principalmente por ele próprio. Dificilmente o educador se propõe a ouvir detidamente o que o educando tem a dizer e a dizer verdadeiramente o que o educando quer ouvir.

Por isso, Foucault nos traz em seu curso ensinamentos em relação à prática da escuta desenvolvida no período helenístico-romano. Referente à prática educativa, falamos sobre a *parrhesía* constituída pela relação de confiança e liberdade de ação entre mestre e discípulo e que possibilita que o discurso verdadeiro seja subjetivado. Acoplada a ela, está a escuta a qual, segundo Foucault, será a que permitirá recolher o *lógos*, ou seja, “a linguagem racional verbalmente articulada em sons e racionalmente articulada pela razão”, recolher então o que se diz de verdadeiro. A verdade escutada irá, assim, entranhar-se no sujeito e tornar-se sua e constituir a matriz do *êthos*.

A escuta é colocada como um primeiro treino para se chegar ao discurso verdadeiro. Segundo Sêneca, há virtudes na alma que são inatas e através das

palavras de verdade pronunciadas em torno do sujeito e recolhidas por ele pelo ouvido essas virtudes são despertadas. No entanto, Foucault nos diz que é necessário que essa escuta lógica (expressão criada pelo autor) seja purificada. “Como se purifica a escuta lógica na prática de si?” (Foucault, 2006, p. 410).

Uma escuta lógica boa necessita de silêncio, precisamos ficar em silêncio, e permitir que aquilo que escutamos se adentre em nós; precisamos de uma espécie de atitude ativa, isto é, da manifestação do corpo por meio de boa postura, movimentos que indiquem compreensão do assunto e manifestação do espírito através de uma vontade e disponibilidade de ouvir; e por último é preciso uma atenção voltada sobre si mesmo buscando a internalização dos princípios verdadeiros e uma atenção dirigida às referências, as proposições verdadeiras para poderem ser tomados como princípios de conduta. A atenção deve ser dirigida a buscar referências, pois estas são proposições verdadeiras que podem transformar-se em preceitos de ação e elevados a princípios de conduta. Por outro lado, a atenção deve voltar sobre si mesmo, sobre o interior da própria alma, buscando a internalização dos preceitos, dos princípios, das proposições verdadeiras. Tudo isso garante a boa atenção, a boa escuta, a moralidade e intelectualidade do ouvinte e permite assim que o *lógos* penetre na alma.

Nas palavras de Pierre Maréchaux (2003, p. 06):

Ao ouvir, aprendemos mais a pensar do que a falar, pois esta audição é feita da própria substância das palavras, tendo a retórica, por assim dizer, apenas uma função reguladora e exterior. Deste modo, a primeira dificuldade que compete ao professor resolver é fazer o discípulo ávido de frases e que sucumbe à vertigem das palavras compreender a necessidade formadora do silêncio.

Ainda sobre esse tema temos um educador do século XIX que tratou um pouco a respeito. Seu nome era Johann Heinrich Pestalozzi. Incontri (1997) relata que o educador suíço defendia uma espécie de silêncio para interiorizar aquilo que é percebido e que percebemos a nós mesmos. Isto é, para formar

um espírito pleno e de grande interioridade, faz-se necessário um tempo de observação, de interiorização daquilo que se fala. Além disso, para Pestalozzi também é necessário um discurso verdadeiro daquele que fala. Para ele, o homem deve falar apenas daquilo que sabe, experimentou, observou, viu ou vivenciou senão suas palavras tornam-se vazias e mentirosas.

A seguir falaremos de algumas práticas de leitura e escrita abordadas no período helenístico-romano em constante correlação com a educação da atualidade.

2.5.2 Práticas da boa leitura, escrita e meditação

Sabemos que aprender a ler e a escrever não é uma atividade natural. Como nos ensinam as autoras do livro *Organização e uso da biblioteca escolar e das salas de leitura* (2007), a criança não se capacita sozinha para exercer essas práticas, o papel de principal mediador é o do professor, que deve incentivar a leitura, desenvolver no aluno o gosto pela leitura, e auxiliar na composição da escrita. Outro texto que nos traz um ensinamento muito importante no que se refere à leitura e escrita denomina-se *A organização do tempo pedagógico e o Planejamento do Ensino*, coordenado por Ana Lúcia Guedes-Pinto, o qual questiona os educadores sobre o real investimento dado à atividade da leitura; será que eles compreendem a função social da leitura e dão a ela espaço, tempo e a valorização devida? Será que o encanto pela leitura não é algo que precisa ser construído em cada indivíduo? Será que muito da dificuldade em fazer com que alguns estudantes tenham vontade de ouvir histórias ou escrever histórias não está justamente na falta de importância que a escola e seus respectivos professores oferecem à leitura?

Quanto mais possibilidades os alunos tiverem para comunicar suas ideias, maior acesso o professor terá ao processo de aprendizagem. O registro escrito, a oralidade e as argumentações possibilitam uma verdadeira relação de comunicação, porém hoje tem se dado pouca atenção a práticas de leitura e é Foucault (2006) que nos auxilia a pensar algumas regras práticas da boa leitura que eram desenvolvidas na Antiguidade como, por exemplo: ler poucos

autores, ler poucas obras; ler nestas obras poucos trechos e selecionar passagens consideradas importantes e suficientes; prática de resumos; prática de florilégios (reunião de proposições e reflexões de autores diversos); troca de correspondência entre amigos ou parentes. A leitura era fundamental e nesse período seu objetivo era essencialmente propiciar uma ocasião de meditação.

De acordo com Foucault (2006), meditar é apropriar-se de um pensamento, tornando-o verdadeiro dentro de si mesmo; é preciso gravá-lo dentro de si para que quando necessário possamos lembrar-nos dele. É um exercício pelo qual o sujeito age pelo próprio pensamento. E a leitura deve ter o efeito de fazer com que o sujeito constitua para si um equipamento de discursos verdadeiros, que seja somente seu, e que esses discursos sejam ao mesmo tempo princípios de comportamento.

A leitura está ligada à escrita. A escrita é um elemento de exercício de si. É uso para nós mesmos, pois escrevendo assimilamos a própria coisa na qual se lê e conseqüentemente na qual se pensa; é pela escrita que ajudamos a própria coisa na qual se pensa a ser implantada na alma. Escrevemos depois da leitura a fim de podermos reler para nós mesmos e assim incorporamos o discurso verdadeiro que ouvimos.

De modo a ilustrar a valorização já dada à escrita, recorro a um período posterior aos séculos I e II, citando um texto de Foucault denominado *A escrita de si* no qual o autor apresenta uma citação de *A Vita Antonii* escrito por Atanásio¹⁴. Nela diz:

Eis uma coisa a observar para se ter a certeza de não pecar. Que cada um de nós note e escreva as acções e os movimentos da nossa alma, como que para no-los dar mutuamente a conhecer e que estejamos certos que, por vergonha de sermos conhecidos, deixaremos de pecar e de trazer no coração o que quer que seja de perverso. Pois quem consente ser visto quando peca, e após ter

¹⁴ Santo Atanásio de Alexandria foi bispo de Alexandria e teólogo em Roma. Conhecido por defender fortemente a ortodoxia católica ante a propagação do arianismo, que segundo ele seria a maior heresia de todos os tempos. Na sua luta contra o arianismo, que pregava a não divindade do Cristo, foi exilado diversas vezes graças ao poder político que Ário, presbítero de Alexandria, exercia por volta de 319 d.C.

pecado, não prefere mentir para ocultar a sua falta? Não fornicaríamos diante de testemunhas. Do mesmo modo, escrevendo os nossos pensamentos como se os tivéssemos de comunicar mutuamente, melhor nos defenderemos dos pensamentos impuros por vergonha de os termos conhecido. Que a escrita tome o lugar dos companheiros de ascese: de tanto enrubescermos por escrever como por sermos vistos, abstenhamo-nos de todo o mau pensamento. Disciplinando-nos dessa forma, podemos reduzir o corpo à servidão e frustrar as astúcias do inimigo. (FOUCAULT, 1992, p. 129).

O que é interessante nessa passagem é a extrema importância concedida à escrita, verifica-se o quão se tornou indispensável esse exercício de interiorização. Isso porque essa prática exerce um papel de guia sobre os próprios atos e pensamentos fiscalizando e assumindo sobre sua própria alma os movimentos por ela desempenhados. E como que num trabalho de controle sobre si ao escrever permanentemente também não sobra espaço para os maus pensamentos.

No entanto, com valores bem diferentes, nesse mesmo texto de Foucault voltamos à era de ouro do cuidado de si para o autor, que nos diz: “nenhuma técnica, nenhuma aptidão profissional podem adquirir-se sem exercício; também não se pode aprender a arte de viver, a *tekne tou biou*, sem uma *askesis*, que é preciso entender como um adestramento de si por si mesmo” (1992, p. 130). Constituindo a escrita um exercício, uma forma de adestramento comumente tratada na época imperial, sua importância era veiculada por meio de correspondências, cartas escritas a si mesmo ou a outrem. Também se utilizavam cadernos, livros, tipos de agendas com notas e registros sobre condutas, debates, reflexões realizadas, ouvidas ou lidas. Uma forma de reler, memorizar e meditar sobre informações importantes de si e de momentos significativos.

De modo a refletir sobre o que se fez durante do dia e avaliar as ações praticadas traremos no tópico abaixo o exame de consciência, o qual Foucault refere-se algumas vezes em seu curso.

2.5.3 Exame de consciência e a vida como prova

Foucault (2006) nos traz aqui que o exame de consciência é uma antiga regra pitagórica. Segundo Pitágoras, tem por função principal permitir uma purificação do pensamento antes do sono. Portanto, pensando no que se fez e conseqüentemente expulsando com este pensamento o mal que pode residir em nós mesmos, nos purificamos, tornando possível um sono tranquilo.

Nesse momento, falava-se que os mestres e discípulos deveriam meditar sobre o que se fez no dia e a noite para verificar, avaliar e analisar suas ações na busca pelo bem-estar, pela serenidade. Meditar para conscientizar-se de si mesmo e de sua prática cotidiana de modo a partir para uma transformação necessária para o aprimoramento do ser.

Vemos então, que o exame de consciência é também um exercício de memória, memória não apenas em relação ao que se passou durante o dia, mas em relação às regras que devemos sempre ter no espírito. Por outro lado, é também uma espécie de prova na medida em que podemos avaliar em que ponto estamos. Se temos ainda um grande esforço a fazer, se estamos longe do objetivo, se fomos ou não capazes de efetivamente traduzir em ação os princípios de verdade de que dispomos na ordem do conhecimento. Ou como Foucault acrescenta: “Em que ponto estou como sujeito ético de verdade (isto é, com relação a um discurso verdadeiro)?” (Foucault, 2006, p.587).

Em Epicteto o objetivo de se praticar o exame de consciência está na necessidade de se constituir um dispositivo de discursos verdadeiros que nos permitirão conduzir. No texto de Epicteto são citados versos de Pitágoras sobre o exame de consciência e nele afirma-se que filosofar é dispor-se de maneira a considerar o conjunto da vida como prova e que a ascética, o conjunto dos exercícios que estão à nossa disposição, têm o sentido de permitir que nos preparemos constantemente para esta vida que será sempre uma vida de prova, a vida será continuamente uma prova.

A partir do texto *De providentia*, de Sêneca, Foucault nos fala sobre a necessidade do indivíduo de preparar-se para as provas que irá enfrentar durante a vida; todos os males, tristezas e sofrimentos que possam surgir na

vida devem ser enfrentados e encarados como um bem que nos forma que nos fazemos condutores de nós mesmos. Desse modo, a razão afirma que quando achamos que as adversidades nos fazem o mal, é justamente o contrário, pois elas nos fazem um bem, auxiliando na nossa própria educação. Segundo o autor, Sêneca nos traz a ideia da vida como educação, será preciso educar-se para os infortúnios que nos acarretarão a existência. Novamente vemos coextensividade entre vida e formação, pois a vida inteira devemos buscar nossa própria educação “educar a si mesmo ao longo de toda a vida e, ao mesmo tempo, viver a fim de poder educar-se” (Foucault, 2006, p. 534).

Foucault ainda coloca que há dois sentidos pelos quais a vida deve ser entendida como prova: no sentido da experiência, ou seja, no sentido de que o mundo é reconhecido como sendo aquilo através do que fazemos a experiência em nós mesmos, aquilo através do que nos conhecemos, nos revelamos a nós mesmos. A vida é prova também no sentido de que este mundo, esta vida é também um exercício, é uma prática, é algo que nos move para a transformação, nos move em direção a um objetivo rumo à perfeição (Foucault, 2006, p. 590).

Podemos constatar nesse capítulo que a educação é um modo de transformar-se a si mesmo em relação ao que se é enquanto sujeito de ação que busca a própria melhora espiritual e enquanto sujeito intelectual que busca o conhecimento por si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Michel Foucault apresenta textos clássicos de Platão em seu curso *A Hermenêutica do Sujeito* de modo a dar início ao tema principal abordado durante as suas aulas no *Collège de France* em 1982: “as relações do sujeito e verdade”, enfatizando essencialmente o imperativo do cuidado de si, que como já dito podemos traduzir resumidamente como um ocupar-se consigo mesmo, preocupar-se consigo. É, segundo o autor, em especial no texto *Alcibíades*, que seria possível obter a primeira grande teoria do cuidado de si, trazendo sua história, suas fundamentações, organização, etc.

Assim sendo, Foucault enriquece seu curso com momentos históricos do cuidado de si na filosofia antiga, o que impulsionou o presente trabalho a ressaltar em especial o período socrático-platônico e os séculos I e II da nossa era; e para trazer em grande parcela, além dos dizeres de Foucault, os ensinamentos de atores fundamentais nos períodos tratados, tais como Sócrates, Marco Aurélio, Epicuro, Sêneca etc. Demonstrando, assim, a importância desse imperativo e desses nomes na história da humanidade.

A princípio resgatando a filosofia socrático-platônica com Foucault, procuramos esclarecer a noção do cuidado de si vista na Antiguidade Clássica por quem deu início ao seu sentido filosófico: Sócrates. Percebe-se então que nesse período ocupa-se consigo mesmo, essencialmente para ser capaz de se autogovernar e assim poder governar os outros. Ao chegar ao período helenístico e romano, denominado por Foucault como idade de ouro do cuidado de si, este torna-se uma obrigação permanente, que deve durar a vida toda. E diferente do período anteriormente citado, no modelo helenístico o cuidado de si encontra-se em sua centralidade, pois cuidar de si mesmo tem como principal finalidade o eu. O conhecimento de si e o governo dos outros do período socrático-platônico já não se apresentam como essenciais no interior do cuidado de si.

No entanto, mais do que essas significações acima citadas procuramos demonstrar o conceito do cuidado de si de forma muito mais ampla, tentando

principalmente repensar questões de subjetividade, pois como no diz Foucault (2006):

[...] quando vemos hoje a significação e pensamento que conferimos a expressões – ainda que muito familiares e percorrendo incessantemente nosso discurso, como: retornar a si, liberar-se, ser si mesmo, ser autêntico, etc. –, quando vemos a ausência de significação e pensamento em cada uma destas expressões hoje empregadas, parece-me não haver muito do que nos orgulhamos nos esforços que hoje fazemos para reconstituir uma ética do eu. (p. 306).

O autor questiona e analisa como os indivíduos tornam-se sujeitos para depois propor que pensemos em uma reestruturação dos modos de subjetivação da atualidade. E como não pensar no sujeito-aluno, sujeito-professor, sujeito-escola? Que a todo o momento está em formação em construção em processo de tornar-se, vir-a-ser. Procurando desenvolver-se, procurando experimentar-se no contato com o mundo, com o outro e com os acontecimentos.

Com seu auxílio podemos ver a educação não como algo externo ao ser, passível de isolamento, mas como uma busca constante por uma constituição de si mesmo, ao mesmo tempo em que estabelece relações com o que e com quem nos cerca. Há, portanto, no estudo aqui realizado o encontro de uma “ética do eu” capaz de trazer para o espaço da escola novos pensares, além de um conjunto de práticas de tecnologias que permitem o exercício da liberdade, da confiança, do diálogo, da afetividade, etc., sem esquecer a particularidade do ser. Nessa construção de si o sujeito é aquele que aprende, aquele que é, aquele que vive, aquele que ensina, aquele que age, que busca, aquele que pensa. Aquele sempre no caminho de sua autonomia que olha a si mesmo e nesse olhar jamais deixa de olhar o outro, a coletividade.

O pensamento de Foucault também nos alerta para não apreendermos a verdade sem questionarmos o que ela é, se não utilizarmos nosso pensamento para refletir sobre ela e sobre o que dizem dela. E, mais do que apreendê-la,

precisamos praticar ações que provoquem deslocamentos, alterações, movimentações capazes de encontrar saberes plausíveis que nos acolham, mas que, ao mesmo tempo, não nos privem de visão diante deles, pois jamais devemos aceitá-los como verdades inalteráveis, intactas. Por isso ele nos propõe que ao olhar para a educação e mais especificamente para a escola, estejamos cientes da dimensão e da responsabilidade que ela acarreta. A todo o momento é preciso repensá-la, vê-la novamente, observar suas falhas, suas necessidades e, se não podemos mudá-la como um todo, devemos alterá-la aos poucos. O papel da educação pode ser o de suscitar o pensar, o raciocinar, o movimentar, o experimentar da juventude e problematizar o que ocorre com ela e com o mundo.

Esse trabalho pretendeu, portanto, oferecer novos olhares para o ser e para a educação. Nossa intenção não foi desconsiderar as muitas visões e pesquisas que existem e caminham progressivamente, mas manifestar-se como mais uma forma de pensamento em potencial que espera estimular reflexões, movimentações sobre a importância da subjetividade e questionar como está a relação consigo mesmo, a relação com o outro e fundamentalmente como está a relação professor-aluno dentro e fora da sala de aula. A principal pergunta que aqui se faz é: o que hoje realizamos de nós mesmos e o que hoje os profissionais da educação almejam de si e daqueles a quem seu trabalho é fundamentalmente direcionado: os educandos? É esse o problema que espera provocar, estimular o pensamento, o olhar para que ele volte para si mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco; Poética/Aristóteles*; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. — 4ª Ed. — São Paulo: Nova Cultural, 1991. — (*Os pensadores*; v. 2).

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994.

FAVARETTO, Antonio Carlos (autor); GALLO, Sílvio (orient.). *A noção de "conversão a si": uma leitura da abordagem de Michel Foucault a respeito da relação subjetividade e verdade na filosofia antiga*. 2004. 93fl Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III – o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.

FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*. Obra digitalizada, formatada e revisada pelo Coletivo Sabotagem em 2002.<<http://www.lettras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogiadaautonomiapaulofreire.pdf>>.

GUEDES-PINTO, SILVA, Leila C. B., TEMPESTA, Maria Cristina S. e FONTANA, R. C. e Shiohara. *A organização do tempo pedagógico e o planejamento do ensino*. In *Pró-letramento – Alfabetização e Linguagem*, fascículo 03, Brasília: SEB/MEC, 2007.

GROS, Frédéric; LÉVY, Carlos. *Foucault y la filosofía antigua*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2004.

INCONTRI, Dora. *Pestalozzi – Educação e Ética – Pensamento e ação no magistério*. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

LARROSA, Jorge. “Tecnologias do eu e educação”. In: Silva, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86

MORA, J. Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Barcelona: Editorial Ariel, S.A., 1994. Traduzido por Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno, Nicolás Nyimi Campanário e Luciana Pudenzi, 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MUCHAIL, Salma Tannus. *Foucault, Mestre do Cuidado: textos sobre “A Hermenêutica do sujeito”*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

MURAD, Maria Fernanda Guita. *O sujeito em Foucault*. Artigo online: Rio de Janeiro, 10 de agosto de 2010. <<http://www.spid.com.br/pdfs/2010-2/Atividades-Jornadas-Interna-2010.1-O-SUJEITO-EM-FOUCAULT-Maria-Fernanda-Guita-Muradoc.pdf>>.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999.

PLATÃO. *Alcíades I e II*. 8ª ed. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada, 1969.

PLUTARCO. *Como ouvir*. Prefácio e notas Pierre Maréchaux. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante - Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Tradução Lilian do Valle. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. *Documentos de Identidade – Uma Introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *A criança na fase inicial da escrita: A Alfabetização como Processo Discursivo*. Campinas, São Paulo: Cortez, 1988;

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a educação*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VIEIRA, FERNANDES, SILVA e MARTINS, *Organização e uso da biblioteca escolar e das salas de leitura*. Coleção Pró-Letramento – Alfabetização e Linguagem, fascículo 04, Brasília, SEB/MEC.

ZUANON, Átima Clemente Alves. *O processo ensino-aprendizagem na perspectiva das relações entre: professor-aluno, aluno-conteúdo e aluno-aluno*. Viçosa: Revista Ponto de Vista, v.3, 2006. Colégio de Aplicação (COLUNI), Universidade Federal de Viçosa (UFV). <[http://www.coluni.ufv.br/revista/docs/volume03/processo Ensino.pdf](http://www.coluni.ufv.br/revista/docs/volume03/processo%20Ensino.pdf)>.